

# FUTURISMO E FASCISMO: PERCURSOS PARALELOS

Luís Bensaja dei Schirò

Docente da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

*Paralela: recta sem pontos comuns  
com outra existente no mesmo plano.  
Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea  
Academia das Ciências de Lisboa, 2001*

Quando, no dia 20 de Fevereiro de 1909 – no mesmo ano em que Marconi receberia o Prémio Nobel da Física –, F. T. Marinetti publicou no jornal *Le Figaro*, de Paris, o seu incendiário *Manifeste du Futurisme*, o fascismo ainda estava a uma década, aliás extraordinariamente fértil em acontecimentos, do seu nascimento.

De facto, em 1909, Benito Mussolini – o futuro criador do fascismo –, então na força da vida e da ambição, com quase 26 anos (nascera em Julho 1883), militava nas hostes do Partido Socialista, encontrando-se no Trentino (Tirol do Sul), região de tradição e de cultura italianas sob domínio do império Austro-Húngaro, a dirigir o secretariado da associação de classe local e o seu órgão oficial *L'avvenire del lavoratore* («O futuro do trabalhador»). Convidado pelo patriota Cesare Battisti, que os austríacos haviam de enforcar como traidor em meados de 1916 logo após a entrada da Itália na I Grande Guerra ao lado da França e da Inglaterra, a colaborar no jornal *Il Popolo* («O Povo») e no semanário *Vita Trentina* («Vida Tridentina»), de que era proprietário, aí vai desenvolver uma agressiva campanha política, ultrapassando em muito a prudente moderação utilizada pela imprensa irredentista. Expulso pelas autoridades imperiais por actividades consideradas subversivas, depois de ter sido alvo de vários processos judiciais, regressa à terra natal onde assume o lugar de secretário da Federação Socialista, funda o jornal com o título sonante de *La lotta di classe* («A luta de classes») e escreve o romance anticlerical *A amante do cardeal* (de que há uma tradução portuguesa feita pela Bertrand), que é publicado pela primeira vez, em folhetim<sup>1</sup>, no jornal nacionalista de Trento que anteriormente havia redigido com paixão e com raiva: mais tarde, já *duce* do fascismo, ao relembrar este período penoso da sua vida, definirá o seu socialismo como *libertário e nacional*<sup>2</sup>, ou seja, libertário porque distante do socialismo oficial, do Partido, cada vez mais reformista e menos revolucionário, e nacional porque não internacionalista, mas nacionalista, o que não deve andar muito longe da verdade, na medida em que era de facto esse o socialismo – emotivo, vago, pessoal – de seu pai, que foi o

<sup>1</sup> O romance, intitulado *Claudia Particella, a amante do cardeal. Grande romance histórico da época do cardeal Carlo Emanuele Madruzzo*, foi publicado em 57 folhetins, entre 20 de Janeiro e 11 de Maio de 1910. Acerca deste livro, mais tarde Mussolini confessará com humildade e reconhecimento: *Battisti queria ajudar-me. «Claudia» era a minha única fonte de rendimentos no período que se seguiu à minha expulsão de Trento. Era eu que esticava os folhetins e multiplicava os capítulos. A tradução portuguesa, levada a cabo por Teixeira da Fonseca e aparecida sem data, será provavelmente de finais dos anos trinta ou princípio dos anos quarenta.*

<sup>2</sup> Yvon De Begnac, *Tacchini mussoliniani*, Bolonha, Il Mulino, 1990, pp. 20 e 21, de onde também é extraída a citação da nota anterior.

primeiro e talvez tenha sido o principal arquitecto das suas confusas e desordenadas convicções políticas.

Esta fase muito difícil da vida de Mussolini, pouco mais do que um vagabundo acochado pelas necessidades económicas, vivendo praticamente do que escreve em catadupas, com raiva e desespero, corresponde a um período de grande avidez intelectual que o conduzirá ao contacto, embora sempre apressado e superficial, mais intuitivo do que aprofundado, mais de coração do que de razão, com Maquiavel, Nietzsche, Sorel, Max Stirner e outros pensadores (Huss, por exemplo, sobre o qual escreverá um mau ensaio em chave anticlerical) e o levará, também, a aproximar-se do grupo de intelectuais que gravitava à volta da incontornável revista florentina *La Voce* (1908-1916) – Papini, Prezzolini, Soffici, mas também Croce, Einaudi, Borgeese, De Ruggero, Pizzetti e tantos outros menos conhecidos em Portugal – com o qual terá aprendido a manusear de forma mais ágil o rigor formal e a clareza expositiva e para quem irá escrever um pequeno livro intitulado *O Trentino visto por um socialista. Notas e notícias*, que muitos situam entre as melhores páginas por ele escritas – que sem dúvida foi um grande jornalista, dos maiores do seu tempo, um impenitente apaixonado pela imprensa e um devorador de jornais. Não sendo, portanto, admissível que tenha passado despercebido a Mussolini o terremoto marinettiano – até porque muitos dos intelectuais ligados à revista *La Voce* (Papini, Soffici e outros) aderiram ao futurismo – é, no entanto, lícito pensar que o seu radicalismo esquerdista o tenha levado, apressada e superficialmente, a classificá-lo como um movimento burguês, logo um potencial inimigo de classe! Diferente será a atitude, de rigor intelectual, assumida por um outro socialista, o jovem Antonio Gramsci (nascera em 1891), que o fascismo mussoliniano criminosamente destruiu<sup>3</sup>.

Apesar, no entanto, daquele não despreciando labor intelectual, pode-se considerar que, fora do âmbito restrito ligado às correntes socialistas mais ou menos periféricas ou mesmo marginais, Mussolini permanecia um total desconhecido, quer no campo da política quer no

da cultura, enquanto, bem pelo contrário, à data da publicação do seu Manifesto, Filippo-Tommaso Marinetti (meia dúzia de anos mais velho do que o futuro *duce* pois nascera em Dezembro de 1876) já era uma personalidade conhecida e aceite nos ambientes mundanos e literários de Paris e de Milão, tendo publicado uma boa meia dúzia de livros, entre os quais *La Conquête des Étoiles* (Paris, 1902), *Gabriele D'Annunzio intime* (Milão, 1903), *Destruction: poèmes lyriques* (Paris, 1904), *Le roi Bombance: tragédie satirique en 4 actes* (Paris, 1905), *La ville charnelle* (Paris, 1908), etc.

Também no que se refere ao nascimento, ao ambiente familiar e à formação de cada um, nada aproximava estes dois homens. O fundador do futurismo descendia de uma família abastada, da burguesia lombarda, filho de um advogado que consolidara a sua fortuna no Egipto, em Alexandria, onde irá nascer Marinetti e onde fará os seus primeiros estudos no Colégio de S. Francisco Xavier, dirigido pelos jesuítas, de onde será expulso por aí ter introduzido os livros de Zola. Em obediência aos desejos paternos licenciar-se-á em Direito mas, conseguido o diploma, decide dedicar-se inteiramente à literatura, não tardando a fundar a revista mensal *Poesia* (1905), na qual colaborarão poetas como D'Annunzio e Pascoli, para além dos futuristas.

Mussolini, bem ao contrário, provinha de um campesinato arruinado e sem terra, a viver paredes meias com a miséria. O pai, ferreiro de profissão, era um exaltado socialista-anarquista, várias vezes a contas com a justiça, ferozmente anticlerical e antimonárquico, como era tradicional acontecer na Romanha, região que até à unificação italiana fizera parte dos Estados Pontifícios e sob a governação do papa-rei sofrera os efeitos de um implacável feudalismo, que alimentava a insaciável ganância dos altos dignitários da Igreja romana. A mãe, paradoxalmente católica praticante, era professora primária, o que de certa forma explica que, preocupada com o futuro do filho, rebelde, solitário, conflituoso, muito influenciado pelas convicções paternas, o tenha conseguido encarrear para idêntica profissão. No entanto, conseguido o diploma e ampliado o seu âmbito com a habilitação para o ensino da língua francesa, o jovem Benito pouco exerceu o professorado, pois efectivamente as suas duas grandes paixões eram o jornalismo, para o qual era particularmente dotado, possuindo uma pena fácil e incisiva, e a política, que cultivava com uma intransigência doentia, quase religiosa, pregando a violência como única forma de abater o poder da burguesia, da Igreja, da monarquia, do capitalismo, instaurando a ferro e fogo o reino da justiça social e da igualdade, onde não existissem nem oprimidos nem opressores!

O ano de 1910 é importante, quer para o cosmopolita futurista Marinetti, quer para o provinciano socialista Mussolini (que entretanto constituiu família no seio da qual nascerá, em Setembro, a primogénita Edda). O primeiro, retomando uma intenção que se encontra já implicitamente expressa no *Manifesto*, decide intervir na vida política italiana, a braços com vários problemas, todos eles de não fácil solução.

<sup>3</sup> A leitura dos muitos textos jornalísticos, escritos durante o seu período socialista, demonstra a pouca simpatia que Mussolini nutria pelo futurismo e o posicionamento crítico que assumia perante o movimento de Marinetti. Só mais tarde, já em Julho de 1919, o seu oportunismo político o levará a escrever: *As pessoas mediocres têm sempre demonstrado «não tomarem a sério» o futurismo; agora, não obstante estas pessoas, o chefe dos futuristas, Marinetti, faz parte do Comité Central dos «Fascios de Combate»* (Renzo De Felice, org., *Mussolini giornalista*, Milão, Rizzoli, 1995, p. 270). Bem diversa será a tomada de posição de Gramsci, que já em Maio de 1913 chamava a atenção para a seriedade do futurismo como rotura artística e para a necessidade de ser analisado e estudado sem preconceitos: *O galinheiro intelectual italiano está em grande agitação. Não basta já gritar ao escândalo; muitos deitam mãos à cabeça: já não há religião! Os futuristas! Para os bons italianos não podiam ser mais do que um número de café-concerto, um substituto das pulgas domesticadas dos barracões de feira, e agora surge alguém que ameaça levá-los a sério, estudá-los, compreendê-los! É verdadeiramente grave, é, sem dúvida, mesmo grave!* (Antonio Gramsci, *Per la verità – Scritti 1913-1926*, org. Renzo Martinelli, Roma, Ed. Riuniti, 1974, p. 6). Completamente diferente será o posicionamento de Gramsci perante o futurismo político, aliás alvo da sua crítica mordaz e corrosiva.

A difícil unificação italiana havia sido conseguida através de um complexo jogo diplomático, que não excluiu o recurso às armas, antes pelo contrário, em que a rivalidade entre a França e a Áustria havia jogado a favor dos interesses dos Sabóia, historicamente ligados à monarquia francesa. Mas se é certo que o império de Napoleão III conseguiu manobrar no sentido de colher benefícios territoriais das vicissitudes que conduziram ao nascimento da nova nação, os Habsburgos foram sem dúvida os grandes prejudicados na medida em que, apesar de terem conseguido anacronicamente manter o Trentino e uma fatia do Norte da Itália, onde aliás vinham fomentando um assinalável desenvolvimento. É aqui, e em virtude desta trama de acontecimentos, que nasce o mito, de forte tensão psicológica, do *Risorgimento incompleto* (que há que completar!) e se cristaliza o velho ódio dos italianos aos austríacos (sendo o contrário, e pelas razões inversas, igualmente verdadeiro).

Assim, antes e acima de qualquer outro, havia o problema do irredentismo, ou seja, a exigência de incorporação no todo nacional dos vários territórios de língua e de cultura italiana ainda sob a administração da Áustria, aos quais esta não estava disposta a renunciar, até porque uma pouco sensata política de nacionalismo expansionista vinha sendo implementada pelo governo imperial, sob o olhar cúmplice da Alemanha. O segundo problema, aliás derivado do primeiro, residia no facto de que, não existindo qualquer possibilidade de diálogo com os Habsburgo, petrificados pela incapacidade de compreender o seu tempo, cada vez se colocava com maior premência a questão da denúncia da Tríplice Aliança que ligava a Alemanha, a Áustria-Hungria e a Itália desde Maio 1882, a qual, subscrita pelos italianos devido a circunstâncias políticas muito especiais, entretanto, se tornara obsoleta e era cada vez mais contestada, sobretudo a partir do momento em que os austríacos, em clara violação do tratado em vigor, haviam anexado a Bósnia-Herzegovina (Outubro de 1908), situação de tensão que se transformou numa situação de enorme indignação quando, perante a erupção do Etna que em Dezembro de 1908 arrasara as cidades de Messina e de Reggio Calabria, ceifando a vida a mais de 150 mil pessoas, um jornal de Viena, espelhando a opinião do marechal Conrad von Hotzendorf, chefe do estado maior imperial, tinha tido a chocante falta de senso de defender que a Áustria deveria aproveitar aquela catástrofe, que empenhava no sul uma parte considerável das forças armadas, para invadir a Itália e readquirir o que tinha sido perdido durante as guerras do *Risorgimento* que haviam conduzido à unificação italiana! Uma terceira questão, que não é irrelevante e que deve ser inserida ao lado destas duas, é a da incontornável necessidade de criação de um Império Colonial, sem o qual a Itália entendia que não teria direito a ascender ao estatuto de grande potência, que a colocasse a par da França e da Inglaterra – o que prova que, ao contrário do que muitos pensam, esta obsessão não foi inventada por Mussolini e pelo seu fascismo mas pela

monarquia liberal-burguesa dos Sabóia, que desde ainda antes da década de oitenta, com altos e baixos, vinha perseguindo este objectivo.

É neste contexto político extremamente complexo que Marinetti e o futurismo vão intervir. De facto, como movimento de renovação global e de modernização a todos os níveis da sociedade italiana que pretendia ser, considerando-se o motor da construção de novos paradigmas culturais, sociais, políticos, económicos, psicológicos, etc., numa alucinante girândola de ideias e de propostas destinadas a interromper e substituir o curso (considerado) normal da História – da formação escolar (menos livresca e mais prática) à Justiça e ao funcionamento dos Tribunais, da conduta sexual à estrutura da família, do posicionamento social da mulher à organização das forças armadas e policiais, das relações laborais à previdência social, do vestuário à gastronomia, da reestruturação da propriedade à distribuição da riqueza, do repúdio do papado e da monarquia à dinamização dos políticos, passando pela extinção da burocracia, etc., etc. –, logo em 1909 é lançado o *Primeiro manifesto político futurista para as eleições gerais de 1909* (que se realizarão em Março e que registarão um significativo avanço da esquerda), ao qual se seguem, em Outubro de 1911, um segundo manifesto, *Tripoli italiana* (de apoio à guerra de conquista da Líbia), e um terceiro, também em Outubro mas de 1913, *Programa político futurista* (eleições de Outubro, as primeiras com sufrágio universal masculino). Vários outros escritos (a par de serões, conferências, comícios, intervenções) confirmam uma constante preocupação de intervenção política<sup>4</sup>, que aliás irá prosseguir e ampliar e que se desenvolve nos três referidos planos que, sem dúvida, agitavam fortemente e dividiam a sociedade italiana: o irredentismo, a libertação da Itália dos compromissos da Tríplice Aliança no sentido de poder em qualquer altura marchar contra a odiada Áustria e a expansão colonial. Em 1914, por exemplo, Marinetti com outros futuristas, no decurso de uma manifestação intervencionista no centro de Milão, queima oito bandeiras austríacas, acabando por ser preso e condenado a vários dias de prisão!

Mais uma vez o percurso de Mussolini nestes anos de grande agitação política vai ser radicalmente diferente, oposto ao de Marinetti, que aliás nem sequer conhece, a não ser de nome. Decidido a acordar o Partido Socialista do seu sonolento torpor e a imprimir ao socialismo italiano uma linha revolucionária, faz-se notar pela sua intransigência e pela sua independência relativamente ao partido, cuja direcção desafia, quer colaborando em *La Soffitta*<sup>5</sup>, que é o órgão mal-amado da tendên-

<sup>4</sup> São inúmeros os escritos de fundo político produzidos, sobretudo, por Marinetti. Para os três manifestos citados, que se encontram dispersos por diversas obras (com diferentes títulos e variados ajustamentos de forma e conteúdo), cfr.: F. T. Marinetti, *Teoria e invenzione futurista*, org. de Luciano De Maria, Milão, Mondadori, 1968, p. 290. Para uma relação dos restantes escritos, cfr. a mesma obra, p. LXXXV. Este trabalho fundamental, que reúne parte da variada e complexa produção marinettiana, foi reeditado pela quarta vez, em 1998 (Milão, Mondadori), tendo por base a 3ª edição, de 1983.

<sup>5</sup> É curiosa a origem do título deste jornal, órgão dos maximalistas: *soffitta* quer dizer sótão e foi adoptado a partir do apoio dado pelos socialistas reformistas, em 8 de Abril de 1911, à aprovação

cia socialista de esquerda, quer organizando uma greve geral ao nível da Romanha contra a guerra da Líbia (em choque com Marinetti que a apoia entusiástica e intransigentemente...), da qual resultará a sua prisão (1911). Os seus objectivos começam a concretizar-se: é cada vez menos um desconhecido, fez-se notar, e está na base da redacção do documento aprovado pelos socialistas da federação local para o XIII Congresso do PSI, durante o qual se evidencia ao conseguir a expulsão da sua ala reformista (1912), o que origina que a Direcção do partido passe para as mãos dos maximalistas, em substituição dos reformistas que o haviam dirigido desde 1908: Mussolini faz parte desta nova direcção e, em Dezembro desse mesmo ano, é designado director do jornal *Avanti!*, órgão oficial do Partido Socialista Italiano, ao qual vai imprimir uma dinâmica revolucionária cujas posições de violência verbal e de intransigência política em várias ocasiões vão entrar em choque com a direcção do partido mas, sobretudo, em conflito aberto com o seu grupo parlamentar, constituído por respeitáveis moderados. Os exemplos que poderiam ser trazidos à colação são muitos, desde a greve dos operários da indústria automóvel (Milão, Abril de 1913), que não tem o apoio da Confederação Geral do Trabalho, de tendência socialista, mas que é aguerridamente defendida pelo *Avanti!*, a ponto das catilinárias mussolinianas provocarem a demissão do respectivo secretário-geral, até à *Settimana Rossa* («Semana Vermelha»), que chega a atingir um preocupante carácter insurreccional e que é dirigida pelo socialista Mussolini, pelo anárquico Malatesta e pelo republicano Nenni, muito à revelia do Partido Socialista, que acabará por ser obrigado pela pressão dos trabalhadores, sobretudo dos camponeses, embora tardiamente a exprimir o seu apoio.

Pode-se, portanto, concluir que na passagem de 1912 para 1913, o vagabundo sem eira nem beira, que até há bem pouco tempo tinha sido, havia atingido os seus dois grandes objectivos: a ascensão política no seio do Partido Socialista, congregando à sua volta um entusiástico consenso, sobretudo da juventude cansada da mornidão imperante e, em paralelo, no jornalismo, ao assumir a direcção de um grande jornal proletário, como sem dúvida era o *Avanti!* Mas Mussolini não era pessoa para se dar por satisfeita. Individualista e inquieto, pouco dialogante, sobranceiramente convicto da genialidade das suas ideias, toma as distâncias quer em relação aos reformistas, quer aos maximalistas, lançando as bases daquilo a que chama *socialismo revolucionário* (que contém muito Sorel e não desdenha Stirner), fundando para tanto a revista quinzenal *Utopia*, que se transforma no ponto de encontro ideológico de todos aqueles que, gravitando na órbita da crença e da esperança socialista, não se reconheciam no posicionamento e na actuação do Partido Socialista. Tal como ele próprio, Benito Mussolini.

do programa de governo liberal, o que levou o primeiro ministro, Giolitti, a sublinhar numa frase que ficou célebre que os socialistas haviam *atirado Carlos Marx para o sótão*. No 1º de Maio seguinte, e como resposta, saía o primeiro número de *La soffitta*, a tentar provar que afinal Marx não tinha sido metido no sótão!

É perigoso especular sobre qual teria sido o trajecto de Mussolini no seio do Partido Socialista, e até da esquerda italiana, se a sua teimosa rebeldia não tivesse conduzido à controversa expulsão do partido – na base da qual, para além da existência de uma visão política discordante, há muito de ajuste de contas promovido pelos reformistas e os notáveis moderados. Será verdade que Lênine, ao ter conhecimento do facto, terá lamentado que tivessem afastado o *único homem capaz de fazer a revolução em Itália*? Uma coisa é certa, se tivermos em linha de conta as diferenças político-institucionais existentes entre a Rússia autocrática dos czares e a Itália liberal dos Sabóia, a palavra de ordem leninista da transformação da guerra imperialista em guerra civil tem pontos de contacto com o incitamento mussoliniano de *dai um conteúdo social à guerra*. De facto, no dia 28 de Julho de 1914, sem que estivessem minimamente esgotadas as possibilidades de se conseguir um entendimento que preservasse a paz, com a declaração de guerra da Áustria-Hungria à Sérvia, tem início a criminoso carnificina que foi a I Grande Guerra. A 1 de Agosto, tendo havido incumprimento do clausulado que sustentava a Tríplice (o que aliás não era a primeira vez que acontecia pois os austríacos sempre haviam tratado o aliado italiano com arrogância e hostilidade), a Itália proclama a sua neutralidade, o que aliás dava plena satisfação aos desejos que haviam sido expressos pela direcção do Partido Socialista, mas que vai levantar uma tumultuosa onda de protestos ao nível dos sectores nacionalistas e irredentistas, cujas pretensões – não sendo as únicas mas as mais imediatas – se situavam ao nível do Trentino, que era sem margem para dúvidas um território de língua, de tradição e de cultura italianas, como já foi dito, e como implicitamente era reconhecido pela Alemanha, que logo em 8 de Agosto aconselhava o governo do imperador Francisco José a cedê-lo, como forma de captação da boa vontade dos italianos, à beira de encetar negociações com a Entente. E, não o esqueçamos, esse mesmo Trentino onde Mussolini militara, exprimira o seu nacionalismo (por exemplo, polemizando com o mais que moderado católico De Gasperi) e sobre o qual escrevera algumas das suas melhores páginas<sup>6</sup>.

A rotura do Partido Socialista com o seu dirigente Benito Mussolini teve início em 18 de Outubro de 1914 com a publicação, no *Avanti!*, do artigo *Da neutralidade absoluta à neutralidade activa e operante*, em que se punha em causa a rígida linha neutralista oficialmente adoptada pelo partido. O artigo, moderado e até conciliador<sup>7</sup>, muito longe da vio-

<sup>6</sup> Político da total confiança de um Vaticano muito filo-austríaco durante a I Grande Guerra, visivelmente anticomunista em estreita sintonia com o controverso Pio XII na II Guerra Mundial, De Gasperi foi o grande construtor do partido da Democracia Cristã em Itália (1944). Para uma primeira aproximação sobre as relações com Mussolini, com o qual se chocou no Trentino, ler com algumas cautelas: Angelo Braschi, *Mussolini e De Gasperi – Vite divergenti*, Bolonha, Cappelli, 1983.

<sup>7</sup> O determinante artigo de Mussolini, que avançava com a tese da *neutralidade relativa* em contraposição com aquela oficial da *neutralidade absoluta*, pode ser lido, por exemplo, in: *Scritti politici di Benito Mussolini*, org. de Enzo Santarelli, Milão, Feltrinelli, 1979, p. 139 ou no já citado *Mussolini giornalista*, p. 70.



lência verbal que caracterizava a escrita mussoliniana, ia sem dúvida ao encontro do pensamento de uma larga faixa da opinião pública italiana, sobretudo burguesa e cidadina mas sem exclusão de uma significativa presença de socialistas, de anarquistas, de republicanos e de outras correntes. E ia também no sentido do que se estava a passar um pouco por toda a Europa, onde o nacionalismo se sobrepunha cada vez mais ao retórico internacionalismo da II Internacional, levando a que franceses, ingleses, alemães, etc., abraçassem a causa da guerra, votando nos respectivos parlamentos os créditos necessários para o efeito. Que a Itália, por maioria de razões, não fugia à regra, sendo o Partido Socialista uma excepção quase única no conjunto europeu, prova-o o facto de que personalidades acima de qualquer suspeita como Togliatti, Nenni, Salvemini e muitíssimas outras, entre as quais Gramsci<sup>8</sup>, tenham apoiado a entrada da Itália na guerra ao lado dos anglo-franceses. A verdade, porém, é que Mussolini, que entretanto se demitira da direcção do *Avanti!* e fundara o jornal *Il Popolo d'Italia* (que se apresentava com o subtítulo de *diário socialista*), será expulso do Partido Socialista (Novembro de 1914), indo engrossar as hostes daqueles que em ruidosos comícios e violentas arruaças defendiam a guerra irredentista contra a Áustria, taxando de traidores os neutralistas, sobretudo os socialistas.

Será na confluência deste emaranhado de ideias, de expectativas, de acontecimentos que o ex-socialista Benito Mussolini e o intransigente nacionalista F. T. Marinetti se irão conhecer pessoalmente, participando lado a lado em várias manifestações intervencionistas e acabando algumas vezes por serem ambos presos – visto que a hipocrisia política do governo não permitia manifestações que tivessem a ver com a guerra. Assim, entre estes dois homens tão diferentes por nascimento, formação, vivência, maneira de ser e ideário, começa a cimentar-se uma amizade que, sem ser inteiramente pacífica e tendo até momentos de grande tensão, se irá prolongar por cerca de quatro décadas, até à morte de Marinetti ocorrida em Dezembro de 1944, poucos meses antes da de Mussolini, abatido em Abril de 1945, sendo de realçar a dignidade e a coerência extremas do fundador do futurismo ao não ceder ao oportunismo da defecção, então muito generalizado, e a nobreza de carácter de não renegar as ideias que havia aceite e nas quais se havia revisto ao longo de uma vintena de anos, não abandonando o amigo então caído em irreversível desgraça.

Consideradas insuficientes as ofertas territoriais feitas pela Áustria-Hungria, em Maio de 1915 a Itália decide entrar no conflito ao lado da Inglaterra e da França, avançando o seu exército pela fronteira oriental

do Vêneto, um dos pontos sensíveis do irredentismo. Marinetti (capitão de blindados) e Mussolini (soldado posteriormente promovido a cabo) viverão esta guerra de maneiras distintas, não constando que tenham tido contactos ao longo destes anos. Até não será totalmente descabido admitir que o seu relacionamento se teria ficado pelas arruaças intervencionistas se a guerra tivesse, de facto e como a propaganda do governo apregoava, resolvido os problemas políticos e socioeconómicos com que a sociedade italiana se debatia. Só que não só não os resolveu como os agudizou e criou outros que anteriormente não existiam. No quadrante político, houve desentendimento entre as nações vencedoras quanto às compensações territoriais a que a Itália teria direito: nasce, assim, o mito da *vitória mutilada*, que conduz à ocupação, feita à revelia do governo e das instâncias internacionais, de Fiume por parte dos voluntários chefiados pelo poeta Gabriel D'Annunzio, que se transforma num herói nacional e no esperançoso caudilho de uma renovação nacional por que todos clamam. No plano social, o desemprego, o mercado negro, o colapso do aparelho produtivo, a reintegração dos desmobilizados e a assistência aos feridos e mutilados, a corrupção, a inépcia da palavrosa administração pública, geraram o caos, a perplexidade, a revolta. É no meio desta crise, que é também crise de valores, que os caminhos de Marinetti e Mussolini voltam a cruzar-se.

Marinetti, retomando a actividade política interrompida pela guerra, funda o Partido Futurista Italiano, cujo Manifesto data de Fevereiro de 1918<sup>9</sup>, lança o jornal *Roma Futurista*, seu órgão oficial (Setembro) e cria em várias cidades (Roma, Florença, Ferrara, Tarento, etc.) os primeiros «Fascios Políticos Futuristas», células locais de intervenção e propaganda. Também Mussolini, que regressara mais cedo devido a um acidente ocorrido com um morteiro durante a instrução, está determinado a aproveitar a explosiva situação de conflito existente nas fábricas e nos campos para, capitalizando a seu favor o descontentamento das tropas desmobilizadas, sobretudo as de elite (os *Arditi*) e os jovens oficiais milicianos, conseguir assumir um papel relevante na cena política italiana – o que aliás não se vai revelar fácil ou pelo menos tão fácil como ele pensara, até porque o Partido Socialista não se vinha apresentando tão debilitado como julgara, estando até a recuperar da sangria a que o conduzira a sua intransigência face ao problema da chamada «guerra nacional». Talvez tenham sido estas inesperadas dificuldades a levá-lo a procurar Marinetti<sup>10</sup>, cujas ideias irreverentes e inovadoras irá

<sup>8</sup> Intervindo na rubrica *A guerra e as opiniões dos socialistas*, organizada pelo jornal *Il Grido del Popolo*, em 31 de Outubro de 1914, Antonio Gramsci publica o artigo *Neutralidade activa e operante*, em que se aproxima muito das opiniões expressas por Mussolini. O escrito terá tido o acordo prévio de Togliatti, tão crítico em relação à linha neutralista perfilhada pelo Partido Socialista que se alistará como voluntário, atitude que estava vedada a Gramsci devido à sua doença.

<sup>9</sup> Para o texto do Manifesto do Partido Futurista Italiano cfr. a obra supracitada, organizada por Luciano De Maria, p. 130 e a nota inserta na p. XCV. Existem traduções portuguesas em: *Antologia do Futurismo Italiano – Manifestos e Poemas*, org. de José Mendes Ferreira, Lisboa, Ed. Vega, 1979, p. 172 e em Luís Bensaia dei Schirò, *O Futurismo Italiano – Estética, Ideologia, Fascismo*, Lisboa, Caminho, 1999, p. 105.

<sup>10</sup> No diário de Marinetti, a primeira vez que surge o nome de Mussolini é a 18 de Julho de 1918: *Benito Mussolini mandou-me dizer que desejava muito voltar a ver-me*, o que provavelmente já não acontecia desde antes da guerra. A partir deste primeiro encontro vários outros se sucedem, sendo extremamente interessante seguir as considerações que Marinetti vai lançando para o papel relativamente ao futuro *duce*. Cfr. F. T. Marinetti, *Taccuini – 1915-1921*, Bolonha, Il Mulino, 1987, p. 284.

aproveitar, divulgando-as paulatinamente no seu jornal – *Il Popolo d'Italia*, que entretanto deixou de se intitular *diário socialista* para passar a apresentar-se como *órgão dos combatentes e dos produtores* – como sendo de sua lavra! Se dúvidas subsistissem a tal respeito, bastaria fazer uma comparação entre o manifesto do Partido Futurista Italiano e o primeiro programa dos «Fascios de Combate»<sup>11</sup> – o qual, esclareça-se, mesmo aceitando a leitura de alguns historiadores que o consideram um documento «de esquerda» (De Felice, por exemplo), impregnado de uma preocupação socializante, nunca passará de uma carta de boas intenções de impossível concretização por falta de força política, a qual só será adquirida após sucessivas viragens à direita, o que tornará obviamente inviável a sua aplicação! Para além do programa, também a ideia dos núcleos locais de divulgação e de captação de aderentes é plagiado do futurismo: em Março de 1919 são fundados em Milão os «Fascios de Combate» (intervindo Marinetti com um discurso), que no mês seguinte, em colaboração com militantes futuristas e *Arditi*, destroem a sede do jornal *Avanti!*, o mesmo que Mussolini havia dirigido antes da sua expulsão do Partido Socialista<sup>12</sup>.

Mas os caminhos de Marinetti e de Mussolini estão de novo prestes a seguirem rumos diferentes. Marinetti, de facto, não é um político na verdadeira acepção da palavra: é um poeta, é um criador, que possui uma imaginação fértil e rebelde, que escandaliza a sociedade liberal-burguesa na medida em que põe constantemente em causa os seus valores, as suas práticas, a sua hipocrisia. Nesta fase da sua vida, ainda não precisa de descer a compromissos, de se adaptar às circunstâncias, de domesticar as suas ideias para agradar e conquistar adeptos: quem estiver de acordo que o siga. Nesta medida não é nem rival nem adversário de Mussolini, nem compete com o «comandante» D'Annunzio<sup>13</sup>. Desde que haja convergência de ideias, isso é bastante para conquistar o seu apoio generoso e desinteressado: produzida a ideia ela deixa de ser sua para se incorporar num património comum! Por isso deixa-se plagiar por Mussolini e não só e, sem invejas nem ressentimentos, discursa quando os «Fascios de Combate» mussolinianos são fundados! Mussolini, pelo contrário, é um político em toda a acepção da palavra, oportunista e sem escrúpulos, matreiro, capaz de sacrificar tudo e todos ao objectivo da escalada do poder, dizendo-se e desdizendo-se, apropriando-se das ideias dos outros, fazendo as alianças e selando os compromissos mais convenientes aos seus interesses do momento, possuindo em alto grau o sentido da oportunidade: ele é, pela negativa se quisermos, sem dúvida o político mais apto do seu tempo (incomparavelmente mais do que, entre muitíssimos outros, D'Annunzio e

Marinetti) – e só isso explica que tenha conseguido pular dos ínfimos 4.657 votos obtidos nas eleições de Novembro de 1919 para a indigitação para primeiro-ministro em Outubro de 1922! É óbvio que, ao nível da luta política, o idealista e vertical Marinetti não podia estar de acordo com o pragmático e camaleónico Mussolini. A rotura vai verificar-se quando o convicto anticlerical e antimonárquico Marinetti é confrontado com a inacreditável reverência de Mussolini ao rei e com o beija-mão ao papa, numa pirueta ideológica com a qual é cancelado tudo quanto havia sido o seu passado ateu de emérito blasfemador e de socialista republicano! Isso irá acontecer em Maio de 1920, durante o congresso dos «Fascios de Combate», realizado em Milão, onde o movimento fascista, para além do mais, vai proceder a uma significativa viragem à direita que abandona definitivamente algumas das preocupações socializantes anteriormente expressas (aquelas que em grande parte havia bebido nos manifestos políticos marinettianos), colocando-se cada vez mais ao serviço dos agrários na repressão dos camponeses. Marinetti descreverá no seu diário (24 de Maio de 1920) a sua intervenção na assembleia: *Não aprovo a sua política interna e a sua atitude personalista demasiado acentuada em todas as suas manifestações nos «Fascios» e no «Popolo d'Italia». Falo eu. Com força e veemência insisto sobre a necessidade de dosear a nossa desaprovação das greves. Há greves sacrossantas que têm que ser apoiadas. Falo depois da República que deve ser exigida e da monarquia-mochila (cheia de coisas inúteis) que deve ser deitada fora. Falo do Papado. Concluo: «Nós vimos do Carso. Mas não tremos no sentido da reacção»*<sup>14</sup>.

De facto, em 29 de Maio de 1920, Marinetti (acompanhado por vários outros futuristas) formaliza a sua demissão da direcção dos «Fascios de Combate». Este segundo afastamento entre o fundador do futurismo e Mussolini vai durar cerca de quatro anos, durante os quais se vão verificar profundas alterações políticas em Itália. Com a passagem de movimento a partido, com a submissão ao conservadorismo liberal-burguês (a monarquia, a religião, a ordem, a família patriarcal, a mulher submissa mãe-e-esposa, a estética tradicional sem quaisquer dos desmandos dos modernismos, as glórias do passado, etc.), com uma crescente identificação com as teses da direita mais reaccionária, a dos agrários feudais, este novo fascismo adquire finalmente a organização e a força que lhe vão permitir atingir o poder, constitucionalmente, oferecido por um rei que, em virtude rivalidades e de disputas familiares, não se sente inteiramente seguro no trono. Tudo isto, que é

<sup>11</sup> Cfr. Luís Bensaja dei Schirò, ob. cit., p. 110.

<sup>12</sup> Registe-se que esta será a única vez em que Marinetti participará ao lado dos fascistas numa operação deste tipo.

<sup>13</sup> Com data de 11 de Julho de 1918, Marinetti anota no seu diário: *...ataco os artistas italianos que do meu ponto de vista foram neutralistas ou derrotistas em guerra. Todos ou quase. Excepção D'Annunzio (passadista aborrecido anacrónico quando escreve ou fala mas futurista na vida e admirável soldado italiano)*. F. T. Marinetti, *Taccuini...*, ob. cit., p. 280.

<sup>14</sup> F. T. Marinetti, *Taccuini...*, ob. cit., p. 487. Aliás, já em 20 de Maio, Marinetti havia anotado a necessidade de abandonar os «Fascios de Combate», devido ao acentuar-se das divergências relativas ao problema da monarquia, do papado e da *simpatia activa que, do nosso ponto de vista, merecem as greves económicas honestas* (p. 486). Recorde-se que o Carso é um planalto situado na região vêneta onde, na I Guerra Mundial, se verificaram sangrentos combates entre italianos e austríacos. Hoje pertence quase todo à Eslovénia. A difícil frase de Marinetti também pode ser interpretada com o sentido figurado de «estivemos ausentes mas agora que regressámos não foi para ir no sentido da reacção».



a negação total do ideário anárquico-romântico de Marinetti, nada tem a ver com o programa dos «Fascios de Combate» de Junho de 1919, decalcado do do Partido Político Futurista, apresentado no ano anterior.

Desgostado com a política, Marinetti vai dedicar-se à criação artística («A alcova de Aço», «Os Indomáveis», «O tambor de Fogo», entre outras, são algumas das obras entretanto produzidas) e à reorganização do movimento futurista, que sente estar a correr o perigo de desagregação. De facto, coincidência ou não, a ascensão do fascismo, que os liberais estão a favorecer (pela mão dos quais em Maio de 1921 entram no Parlamento 35 deputados fascistas acolitados por 10 nacionalistas), coincide com um período de contestação do futurismo ao nível de certos meios intelectuais e ao abandono de alguns dos seus seguidores. Assim, o ano de 1923 não é só importante devido ao casamento com Beny (Benedetta Cappa, 1907-1977), pintora e escritora, é também o ano em que recrudescem os ataques: o importante movimento literário que adopta a epígrafe de «Novecentos» considera mesmo que, em estética, se está a verificar um regresso ao classicismo e intelectuais como o escritor Giovanni Prezolini (1882-1982) ou o pintor e crítico Ardengo Soffici (1879-1964), em artigos desse mesmo ano, tentam provar a incompatibilidade entre futurismo e fascismo, entre aquilo a que chamam a desordem e a ordem, a destruição e a restauração, a gloriosa tradição do passado e o *inédito* e o *inaudito* (são as palavras que usam!), chegando ao ponto de insinuar que se o futurismo é bom para o bolchevismo não pode igualmente sê-lo para o fascismo, que até voltou a introduzir o estudo do latim no secundário, a repor os crucifixos nas salas de aulas e nos tribunais, e regressou ao tipo de literatura choramingona simbolizada por «Coração», o famoso conto moral de Edmundo De Amicis!

Os tempos mudaram, já não são os do congresso de 1920 onde ainda existia algum equilíbrio de forças entre Mussolini e Marinetti e onde, bem vistas as coisas, o primeiro precisava mais do apoio do segundo do que vice-versa. Hoje é o contrário: só o fascismo poderá salvar o futurismo da morte por inanição. Se é certo que a ditadura ainda não foi proclamada e o fascismo governa em parceria com outros partidos, estamos já no reino da ordem e a imprensa é cada vez mais controlada. Perante os ataques de que é alvo e que procuram a marginalização do seu movimento, tentando até apresentá-lo como um inimigo do fascismo, Marinetti é empurrado para uma aproximação ao seu velho companheiro de arruaças, que entretanto – estes são os paradoxos da História: por não ter seguido a linha política intransigente defendida por Marinetti! – se transformou no cada vez mais poderoso primeiro-ministro da Itália. O acordo entre os dois homens é simples e fácil de selar: tal como o maestro Toscanini, o cientista Marconi, o filósofo Gentile, o compositor Mascagni, o poeta D'Annunzio, o físico Fermi, o dramaturgo Pirandello, o escritor Papini, etc. (todos eles futuros académicos), também F. T. Marinetti irá dar o prestígio do seu nome e da sua projecção internacional ao fascismo. Em troca Mussolini dá a sua

protecção ao futurismo, que como vanguarda estética passa a fazer parte da retórica propagandística do regime, obviamente não como substituto da gloriosa arte clássica, barroca ou romântica (que na pintura, na escultura, na poesia, na prosa, na música, etc., constituem o grande património cultural da Itália!), mas como produtor de ousadias estéticas (algumas bastante bem conseguidas, diga-se em abono da verdade) que dêem ao fascismo, conservador e passadista por natureza, reaccionário e antimoderno, como alguns aliás o proclamam com intuítos elogiosos (!), um rosto de modernidade, que só os ultras ousam taxar de arte degenerada ou de *bolchevizonte e judaica*. Mas sobretudo e em definitivo: Marinetti ocupa-se exclusivamente de arte, Mussolini ocupa-se de política! Como penhor deste acordo, logo em 1924 é publicado um livro de circunstância, sem qualquer valor histórico, evado de lugares-comuns, *Futurismo e Fascismo*, onde se tenta irmanar e compatibilizar os dois movimentos, o que implica o óbvio silenciar de quaisquer atritos ou divergências passadas, e, como contrapartida, próximo do final do ano é organizada uma grande homenagem nacional a Marinetti.

Regressado qual filho pródigo ao fascismo, F. T. Marinetti vai servir durante vinte anos, até ao seu colapso, pondo a sua energia, a sua inteligência, a sua criatividade e o seu entusiasmo ao serviço da política do regime e contribuindo não pouco para a sua credibilidade no estrangeiro. A par de tantos outros intelectuais, provenientes dos mais díspares quadrantes políticos, vai estar ao lado do *duce* nas guerras de África que conduzirão à fundação do império, na conquista da Etiópia (com o mesmo entusiasmo com que havia apoiado, em 1911, dessa vez contra o socialista Mussolini, a da Líbia). Vai estar de acordo com a intervenção em Espanha. Vai apoiar o folclore militarista do *duce* e o seu insensato belicismo. Vai atravessar triunfante e confiante, como uma ingente massa de italianos de todas as classes sociais, os chamados «anos do consenso», exprimindo uma coerente censura em relação à assinatura dos Pactos de Latrão, que punham um ponto final na velha Questão Romana com a criação do Estado da Cidade do Vaticano, e um não menos coerente apoio ao governo e ao *duce* quando do choque com a Igreja relativo aos limites da Acção Católica no sensível campo da educação da juventude, que conduziu à encíclica *Non abbiamo bisogno* («Não temos necessidade»), do papa Pio XI<sup>15</sup>, que, seguindo a tradição

<sup>15</sup> Complexas, controversas e ainda por estudar com profundidade são as relações entre a Igreja e o fascismo. Não obstante, atendo-me ao estado actual da investigação, eu considero a política do Vaticano uma das principais responsáveis pela ascensão e consolidação das ditaduras fascistas na Europa latina. Vem isto a propósito do artigo de José Manuel A. Quintas, *O futurismo italiano é um bico-de-obra ?!* (História, III série, Julho/Agosto 2001) – que é uma emaranhada recensão do meu livro sobre o futurismo, aqui utilizado, a qual aliás indicia um diminuto conhecimento dos factos e dos textos –, onde se afirma que a encíclica *Non abbiamo bisogno* (Junho de 1931), de Pio XI, constituiu uma condenação do fascismo, o que não me parece encontrar grande corroboração nestas palavras do papa: *Mantemos e manteremos memória e reconhecimento perene por quanto foi feito em Itália com benefício da Religião, mesmo se com simultâneo não menor e talvez maior benefício do partido e do regime. E mais adiante, peremptório: ...com tudo aquilo que temos vindo até agora a dizer. Nós não*

da diplomacia vaticana, é uma bem doseada mistura de censuras e de elogios ao fascismo de Mussolini, que o pontífice acabara de classificar como o homem que a Providência pusera no seu caminho! Em 1942, o ano do poema *Canto heróis e máquinas da guerra mussoliniana*, a poucos meses de fazer 66 anos, vai juntar-se às tropas italianas que combatiam na frente russa. No ano seguinte, embora não sendo um grande admirador de Hitler e do seu nazismo, adere à República Social Italiana. É um acto simbólico, é uma questão de princípio, discutível mas vertical, pois, aliás como ao longo de todo o consulado de Mussolini em que foi mero elemento decorativo, não exercerá qualquer cargo de direcção política. Freneticamente, apesar de minado pela doença, dedica-se aos seus escritos, entre os quais há que destacar *A grande Milão tradicional e futurista* e *Uma sensibilidade italiana nascida no Egipto*, que serão publicados póstumos. E se — desde que não se caia em exageros oportunistas — é de justiça não esquecer as intervenções que teve contra a política anti-semita alemã<sup>16</sup> e italiana, é igualmente de justiça não esquecer que este homem generoso e aberto, que a pedido de Croce se disponibilizou a usar a sua influência para libertar dissidentes, deu implicitamente cobertura com o seu nome e o seu prestígio à longa lista de crimes que a ditadura fascista levou a cabo em vinte anos de governação: desde o assassinio do deputado socialista Matteotti (1924) ao de Gramsci (1937).

Como alguém escreveu com muito acume: *A história das relações entre Marinetti, o seu movimento e o fascismo é em grande parte uma questão de apostas perdidas e teimosamente renovadas, de ilusões nunca totalmente desfeitas, que o regime de Mussolini, mais tarde ou mais cedo, se teria deixado converter à religião futurista*<sup>17</sup>. Para Marinetti, de facto, a decisiva batalha de *Vittorio Veneto* e o *advento do Fascismo ao poder constituem a realização do programa mínimo futurista*<sup>18</sup>. Programa mínimo, que era imperioso maximizar, como se incita neste apelo de 1929: *Os futuristas italianos dizem ao seu velho companheiro Benito Mussolini: Com um golpe de força, hoje*

*indispensável, liberta-te do parlamento. Restitui ao Fascismo e à Itália a maravilhosa alma «dezanovista», desinteressada, audaciosa, anti-socialista, anticlerical, antimonárquica. Concede à Monarquia somente a sua provisória função unificadora, nega-lhe a de sufocar ou morfinizar a maior, a mais genial e a mais justa Itália de amanhã. imita o Grande Mussolini de 1919*<sup>19</sup>. Terá sido a efémera República Social Italiana, que se apresentava como um regresso à utópica pureza do primeiro fascismo, ao espírito «dezanovista», a derradeira esperança deste incorrigível visionário? Não era isto que proclamava Mussolini, acusando a diarquia que fora obrigado a aceitar de dar à monarquia dos Sabóia os meios para instrumentalizar o regime, contaminando e desvirtuando a sua essência e as preocupações sociais do fascismo primitivo?<sup>20</sup>

Mas se não é possível negar a evidência de um Marinetti fascista, expliquem-se as motivações da sua adesão ao regime de Mussolini da forma que se quiser, também não é possível transformar o futurismo em precursor do fascismo e em inspirador do *duce*. Na realidade, para além de algumas afinidades comuns na época a várias famílias políticas (antiparlamentarismo burguês, anti-internacionalismo, anti-socialismo, nacionalismo, etc.), a doutrina, as convicções, as propostas que é possível colher — explicitamente — nos escritos políticos marinettianos, podados das suas hipérboles de linguagem, das suas utopias provocatórias, e reduzidos ao substancial, são antitéticos relativamente à essência reaccionária e à prática do fascismo mussoliniano, a começar no problema das liberdades individuais e a acabar no da emancipação da mulher, passando pela *socialização da terra*, pela dignificação do trabalho não intelectual, pela organização da cultura, etc.

*quisemos condenar o partido e o regime como tais*. A condenação, feita em termos vigorosos, referia-se com toda a razão às violências levadas a cabo à boa maneira fascista contra sedes da Acção Católica e contra alguns dos seus dirigentes, acusados de querer substituir-se ao Estado na educação da juventude — em que ambas as instituições estavam interessadas por óbvias razões políticas. A crise, que se resolveu logo em Setembro com um fácil compromisso, nem sequer teria surgido se a natureza dos dois opositores não fosse intolerante e casmurra. Não sou eu que o digo é o padre Giacomo Martina, historiador jesuíta (que cito de memória). Em Portugal, embora de forma menos visível e mais silenciosa, como era habitual no reino de Salazar, virá acontecer o mesmo e a resolução do problema desse *exército laico* que a Acção Católica pretendia ser, estará presente no atraso da assinatura da concordata, da qual acabará por ser excluída, e conduzirá, embora com outro pretexto, à perseguição do Padre Abel Varzim, acusado de querer competir com o corporativismo do Estado.

<sup>16</sup> Veja-se a tal propósito a *Carta aberta dos futuristas italianos a Hitler*. Cfr. Renzo De Felice, *Introduzione — La vanguardia futurista*, in F. T. Marinetti, *Taccuini — 1915-1921*, ob. cit., p. XX.

<sup>17</sup> Niccolò Zapponi, *Futurismo e fascismo*, in AA. VV., *Futurismo, cultura e política*, Turim, Fondazione Giovanni Agnelli, 1988, p. 163.

<sup>18</sup> F. T. Marinetti, *Futurismo e Fascismo*, in: *Teoria e invenzione futurista*, ob. cit., p. 430.

<sup>19</sup> F. T. Marinetti, *Marinetti e il Futurismo*, in: *Teoria e invenzione...*, ob. cit., p. 536. Recorde-se que a *alma «dezanovista»* é a que impregna o primeiro programa dos «Fascios de Combate», de inspiração futurista, saído do congresso realizado em Junho de 1919, a que se fez referência.

<sup>20</sup> Benito Mussolini, *Il tempo del bastone e della carota — Storia di un'anno (Ottobre 1942-Settembre 1943)*, Milão, FPE, 1966, pp. 129 e ss.